



SOCIEDADE

Analfabetos com mais de 40 anos são maioria

São 8,3 milhões de pessoas, de 9,3 milhões que não sabem ler nem escrever — que representam 5,4% da população. Dificuldade entre os mais velhos está diretamente relacionada à qualidade do ensino e à dificuldade de aprendizado

» VITÓRIA TORRES*

O Brasil tem em torno de 9,3 milhões de **analfabetos**, sendo a maioria — 8,3 milhões — com mais de 40 anos. A constatação é da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2023, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As pessoas que não sabem ler e escrever representam 5,4% da população — uma redução de 0,2 ponto percentual na comparação com 202.

Desses 8,3 milhões de analfabetos com mais de 40 anos, 55,3% têm 60 anos ou mais. Há uma tendência maior do analfabetismo entre os mais velhos — em relação aos jovens houve acentuada redução, conforme constatou a PNAD. Segundo a coordenadora de pesquisa do IBGE, Adriana Beringuy, a concentração de pessoas analfabetas com idade superior a 40 anos tem relação com a qualidade do ensino e com a dificuldade de aprendizado.

“O analfabetismo hoje, no Brasil, está concentrado entre as pessoas mais idosas. Os idosos não frequentaram a escola ou tiveram um aprendizado muito precário e, por isso, carregam essa condição de analfabetos ao longo da vida. A população mais jovem está muito mais escolarizada”, afirmou a pesquisadora Adriana Beringuy, que apresentou os resultados.

Recortes

No recorte da pesquisa por cor ou raça, revela-se também uma grande diferença entre as taxas das pessoas brancas e das pretas ou pardas. No ano passado, 3,2% dos brancos eram analfabetos, contra 7,1% dos pretos ou pardos. Quando os pesquisadores sobrepõem as questões étnica e racial, o problema fica ainda mais grave: a taxa de analfabetismo dos brancos de 60 anos ou mais é de 8,6%,

Critério de classificação

Um dos critérios utilizados para identificar a pessoa que não sabe ler e escrever é a habilidade que tem de elaborar um bilhete simples — quem não consegue é considerado analfabeto.

e entre os negros ela quase triplicou, chegando a 22,7%.

Na divisão por gênero, os números são mais parecidos: 5,2% para as mulheres e 5,7% para os homens.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), a redução do analfabetismo na população em geral deveria alcançar 6,5%, em 2015, e a erradicação total até o fim de 2024. A meta intermediária foi alcançada em 2017.

A média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, em 2023, foi 9,9 anos. De 2022 a 2023, essa média ficou estável. Entre as mulheres, o

número médio de anos de estudo foi de 10,1 anos, enquanto para os homens, 9,7 anos.

Com relação à cor ou raça, mais uma vez a diferença foi considerável, registrando-se 10,8 anos de

estudo para as pessoas de cor branca e 9,2 anos para as de cor preta ou parda. Ou seja, uma diferença de 1,6 ano entre esses grupos, que caiu pouco desde 2016, quando era de dois anos.

Em termos regionais, o Nordeste apresenta a maior taxa de analfabetismo do país — 11,2%, mais que o dobro da média nacional, de 5,4%. No entanto, foi a região que avançou para fazer com que as pessoas aprendessem a ler e a escrever, se comparado com anos anteriores. Por outro lado, o Sul e o Sudeste apresentam as menores taxas — 2,8% e 2,9%, respectivamente. **(Com Agência Estado)**

* **Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi**

Agência Brasil



Pouco mais da metade dos analfabetos com mais de 40 ultrapassaram os 60 anos. A explicação é a dificuldade de aprendizado dessa faixa etária

55,3%
dos 8,3 milhões dos analfabetos, com mais de 40 anos, têm 60 ou mais

Diminuição da faixa dos “nem-nem”

Praticamente 20% dos brasileiros entre 15 e 29 anos não estavam estudando nem trabalhando em 2023, de acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua (PNAD) Educação. Isso representa 9,6 milhões de pessoas. O percentual dos chamados “nem-nem” é o menor dos últimos cinco anos. Em 2019, a proporção dos jovens que não tinham ocupação formal era de 22,4%.

O número de brasileiros nessa faixa etária é de 48,5 milhões. Desse total, 15,3% estavam ocupados e estudando, 25,5% estavam estudando, porém não trabalhando, e 39,4% estavam trabalhando, mas não estudavam. Já 19,8% não faziam nenhuma das duas coisas.

Na análise da pesquisadora do IBGE Adriana Beringuy, responsável pela apresentação da PNAD, a principal razão para o percentual de pessoas que não trabalham nem estudam ter caído nos últimos cinco anos foi a demanda do mercado de trabalho, e não a maior busca pela educação.

As pessoas de 18 a 24 anos de idade são aquelas que, idealmente, estariam frequentando o ensino superior, caso completassem a educação escolar básica na idade adequada. Contudo, o atraso e a evasão escolar estão presentes tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Isso representa que muitos jovens entre 18 e 24 anos não frequentam mais a escola e alguns ainda frequentam as etapas da educação básica obrigatória.

Escolarização

Em 2023, a taxa de escolarização das pessoas de 18 a 24 anos, independentemente do curso frequentado, foi de 30,5%, percentual próximo ao registrado em 2022. Uma parcela de 21,6% dos jovens nessa faixa etária frequentava cursos da educação superior e 8,9% estavam atrasados, frequentando algum dos cursos da educação básica. Já 4,3% haviam completado o ensino superior e 65,2% não frequentavam escola.

Levando-se em consideração o grupo de jovens de 14 a 29 anos do país, 9,0 milhões não completaram o ensino médio, seja por terem abandonado a escola antes do término dessa

etapa ou por nunca a terem frequentado. Desses, 58,1% eram homens e 41,9% eram mulheres. Considerando-se cor ou raça, 27,4% eram brancos e 71,6% eram pretos ou pardos.

Indagados sobre o principal motivo de terem abandonado ou nunca frequentado escola, esses jovens apontaram a necessidade de trabalhar como fator prioritário. No Brasil, tal contingente chegou a 41,7% em 2023, aumento de 1,5 pontos percentuais em comparação a 2022. Já o percentual de quem respondeu que abandonou por não ter interesse de estudar — segundo principal motivo — tem caído nos três anos investigados pela pesquisa — 2023 chegou a 23,5%.

RIO DE JANEIRO

Chuva mata 4 em Petrópolis; 2 estão desaparecidos

Redes sociais/Reprodução



Petrópolis voltou a ter episódios de desabamentos de encostas e destruição

» FABIO GRECCHI

Quatro pessoas morreram e duas estão desaparecidas em Petrópolis devido às fortes chuvas que vêm caindo na Região Serrana fluminense desde o fim da tarde de ontem. As vítimas fatais (duas delas crianças) foram soterradas por deslizamentos de encostas, apesar de as sirenes terem sido acionadas para que as áreas de risco fossem abandonadas pelos moradores.

Os acessos a Petrópolis e a Teresópolis — Nova Friburgo está em estado de atenção — foram fechados por causa da tempestade que estava prevista para o estado do Rio de Janeiro desde ontem, e que deve se prolongar pelo fim de semana. Um engarrafamento de aproximadamente

30km se formou e parou boa parte do tráfego na Avenida Brasil, que liga o centro da capital fluminense à zona norte e à Região Serrana por meio da rodovia Washington Luís — apesar do ponto facultativo decretado pelo governador Cláudio Castro (PL).

Nas redes sociais, circularam vídeos mostrando que, em menos de uma hora de chuva forte, houve deslizamentos e destruição de muros e imóveis em Petrópolis. Em um cálculo inicial, foram 75 deslizamentos de encostas — um deles causou o desabamento de um prédio. Na cidade e em Teresópolis, eram muitos os registros de alagamentos e transbordamento de canais.

O Rio de Janeiro deve enfrentar chuvas intensas com acumulados superiores a 200 milímetros

por dia, um patamar semelhante ao que desencadeou a tragédia no estado em 2011, quando cerca de mil pessoas morreram em deslizamentos na Região Serrana. A previsão é do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden).

A maior intensidade é prevista para hoje, dia apontado como mais crítico, especialmente na Região Serrana. A chuva, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), é consequência da aproximação de uma frente fria, que avançou pela Região Sul do país na quinta-feira. “A previsão é de que esse sistema atue pelo leste da Região Sudeste causando grandes volumes, podendo levar transtornos à população”, informou o Inmet por

meio de nota. Ainda que os maiores riscos estejam concentrados na serra, o norte do estado do Rio e a costa oeste também devem registrar chuvas fortes.

“Deslizamentos podem ser generalizados. Não podemos descartar, inclusive, episódios mais graves, levando em conta o volume previsto, com corridas de massa ou corrida de detritos”, afirmou o coordenador de operações do Cemaden, Marcelo Seluchi.

“O que haveria de semelhança em relação a 2011: acumulados de chuvas superiores a 200 milímetros, possivelmente de 300 milímetros. Números também observados em janeiro de 2011”, explicou Giovanni Dolif, meteorologista e pesquisador do Cemaden.